

BOETHIVS, *De consolatione philosophiae. Opuscula theologica*, Edidit Claudio Moreschini, (Bibliotheca Teubneriana) K. G. Saur, Monachii & Lipsiae 2000, XXI+263 pp.; ISBN 3-598-71119-0.

Claudio Moreschini, no ano 2000, publicou, na *Bibliotheca Teubneriana*, a edição crítica, por ele preparada desde 1998, da *Consolatio philosophiae* e dos *Opuscula sacra* de Boécio, denominando, porém, este último conjunto de textos como *Opuscula theologica*.

Aos textos de Boécio, que ocupam as páginas 1-241, antepõe-se um prefácio, redigido em latim, pelo próprio Claudio Moreschini (pp. I-XVIII), e um elenco das siglas utilizadas na obra (pp. XIX-XXI). Segue, ainda, no final da obra, depois dos textos de Boécio, um índice de fontes (p. 242), outro de nomes (pp. 243-245), um de termos e assuntos (pp. 245-262) e outro das poesias da *Consolatio*, classificando-as conforme sua composição métrica (p. 263).

Os textos apresentam-se na seguinte ordem e com os seguintes títulos: *Consolatio philosophiae* (pp. 3ss), *De sancta Trinitate* (pp. 165ss); *Vtrum Pater et Filius et Spiritus Sanctus de divinitate substantialiter praedicentur* (pp. 182ss); *Quomodo substantiae in eo quod sint bonae sint cum non sint substantialia bona* (pp. 186ss); [*De fide catholica*] (pp. 195ss); *Contra Eutychen et Nestorium* (pp. 206ss).

A *Consolatio Philosophiae* é, seguramente, a obra mais conhecida de Boécio: redigida no cárcere, durante os últimos meses de sua vida, em 525 (?), ela narra o itinerário percorrido pelo autor, sob a condução da dama Filosofia, para sair da letargia que o fazia desesperar-se, lamentando a perda dos bens e das alegrias da vida anterior, até chegar à cura definitiva de seu desespero, pelo conhecimento de Deus e da maneira como ele governa o mundo, sem ferir a liberdade das criaturas, especialmente dos seres humanos. No meio desse itinerário, Boécio aprende a valorar corretamente os bens da Fortuna e reconhece o equívoco de ter esperado algo que ela nunca poderia dar, a felicidade, sendo, pois, instigado a procurar, alhures, a verdadeira beatitude, chegando, portanto, até Deus. Não há razões para duvidar de que Boécio tenha realmente escrito a *Consolatio* na prisão, mas, por outro lado, também não há de se pensar que ele tenha vivido todos os estados de alma aí descritos: trata-se de um texto que, independentemente das circunstâncias e vivências interiores, narra um caminho

de conversão progressiva ao absoluto, isto é, trilha o caminho da felicidade e atinge, de fato, o sentido que tem a divindade para o singular.

Os opúsculos que seguem à *Consolatio*, na edição de Moreschini, compõem o conjunto dos textos tradicionalmente conhecidos como *Opuscula sacra*, conforme a nomeação medieval. Os dois primeiros na ordem de apresentação correspondem, certamente, aos dois últimos na ordem da composição histórica, enquanto o último, o penúltimo e o antepenúltimo, segundo a ordem de apresentação, talvez sejam, respectivamente, o primeiro, o segundo e o terceiro segundo a ordem histórica. O prefácio de Moreschini chama esses opúsculos de “tratados” e numera-os na ordem segundo a qual eles, geralmente, são editados: I, II, III, IV e V.

O tratado IV, *De fide catholica*, escrito, talvez, em torno de 512 (ou 519), consiste numa exposição das verdades fundamentais da fé cristã, partindo da realidade de Deus, a Trindade, para, depois de algumas considerações exegéticas, professar a fé na criação, na encarnação, na redenção e no sentido escatológico da história. Os outros tratados revelam uma preocupação mais visível com o elemento intelectual na expressão da fé, como é o caso do tratado V, *Contra Eutychem et Nestorium*, composto em 512, sob a forma de uma carta, dirigida a João, o Diácono, que pretende responder ao problema de como explicar que em Cristo haja duas naturezas e que ele subsista *ex et in duabus naturis*, sem cair no nestorianismo ou no eutiquianismo. Os tratados I e II (de cerca de 519), por sua vez, revelam grande semelhança entre si, a ponto de o segundo ter sido considerado, pelos críticos, como um esboço do primeiro, pois, nele (o tratado II, *Vtrum Pater*), se afirma, fundamentalmente, que, em Deus, tudo se predica substancialmente, embora “Pai” e “Filho” e “Espírito Santo” só se prediquem relativamente, o que será desenvolvido no tratado I, *De sancta Trinitate* (no qual também se encontra a tradicional divisão da filosofia especulativa em física, matemática e teológica). Há, ainda, o tratado III (*Quomodo substantiae...*), também de cerca de 519, conhecido pelos medievais como *De hebdomadibus*, e que não se refere diretamente a questões de fé, mas consiste num texto metafísico, no qual se encontra a noção de participação, que distingue o ser de Deus e o ser das criaturas, como fundamento para a afirmação da bondade das criaturas.

Com exceção do *De fide catholica*, todos os outros textos, segundo a maioria dos manuscritos, são cartas de Boécio. Há razões para se duvidar da autenticidade da autoria de Boécio para esse tratado (IV), assim como para o tratado III, o *Quomodo substantiae*. Do ponto de vista do teor conceptual, o tratado IV não apresentaria dificuldades para ser atribuído a Boécio, mas o tratado III, sim, porque ele pode ser lido, perfeitamente, como um texto neoplatônico, sem nada que constranja a classificá-lo como cristão e, menos ainda, como boeciano. Porém, do ponto de vista do estilo, IV apresenta muito maiores dificuldades do que III para ser classificado como um texto de Boécio: III distancia-se, é verdade, do estilo dos opúsculos considerados autenticamente boecianos (como é o caso de I, II e V, que

constituem um grupo bastante homogêneo, do ponto de vista da estilometria, com a *Consolatio* e as obras de comentários de Boécio), mas aproxima-se, visivelmente, das traduções feitas por Boécio, por exemplo, para as obras de Aristóteles, ao passo que IV é heterogêneo a todo esse conjunto de textos. Hoje parece consensual, entre os críticos, afirmar a quase certa autoria boeciana para o *Quomodo substantiae*, mas tem-se escolhido suspender o juízo quanto à autoria do *De fide*, pois, embora a sua heterogeneidade não permita retirá-lo de entre as obras de Boécio, também não há elementos suficientes para admiti-lo entre elas. A esse respeito, porém, Claudio Moreschini não se pronuncia, em seu prefácio, e promete fazê-lo em outra obra, a ser publicada pela M. D'Auria, de Nápoles, intitulada *Studi sulla tradizione manoscritta della Consolatio Philosophiae e degli Opuscula Theologica di Boezio*. Em seu prefácio, ele fornece, sumariamente, apenas alguns elementos referentes a essa tradição, “colhidos aqui e ali” de seu estudo futuramente publicável, e marca as afinidades e diferenças de sua edição com a edição centenária de Eduard K. Rand (publicada, em várias edições, pela Harvard University Press, junto à coleção “The Loeb Classical Library”), em cuja homenagem muitas palavras são ditas desde o início do prefácio.

No que diz respeito aos *Opuscula sacra*, Rand divide os códices boecianos, fundamentalmente, como afirma Moreschini, em quatro famílias:

1. a família Floriacensis, F, que contém os tratados I, II, III e V, cujo exemplar melhor e mais antigo é o Parisinus, Bibl. Nat. Lat. 7730, do século IX, e classificado por Moreschini como Z;

2. a família Turonensis, T, que contém os tratados I, II, III e IV, cujo códice mais antigo é o Augiensis XVIII, do século IX (classificado por Rand como K, mas como Q, por Moreschini, para não se confundir com o Bernensis 179, que contém a *Philosophiae Consolatio*);

3. a família Dionysiana, D, que contém os tratados I, II, III, V, e que é representada pelo códice Monacensis (Staatsbibliothek, Clm 14370), do século X (parece ter sido um dos códices dessa família que João Escoto Erígena utilizara);

4. a família Corbeiensis, C, que contém todos os tratados, cujo melhor exemplar, segundo Rand, é o Parisinus, Bibl. Nat. Lat. 12949, do século IX, e que é classificado por Rand como C, mas como J por Moreschini;

Segundo Moreschini, porém, essa divisão dos códices em quatro famílias deve ser corrigida, porque outros foram descobertos, após os trabalhos de Rand, os quais foram muito úteis para a edição da *Consolatio*, ao mesmo tempo em que outros códices mostraram ter maior valor do que o atribuído por Rand. Apenas para dar um exemplo, vale notar como Moreschini chega a outra visão de F: para ele, entre os melhores textos da *Consolatio* está o Aurelianensis 270, que tem a sigla O, e o Neapolitanus G IV 68, de sigla N, ambos do século IX. Rand ignorava a existência de O e esse texto deve ser atribuído à família F. Além disso, O contém todos os cinco tratados de Boécio, o que põe em dúvida a divisão de Rand,

segundo a qual a família F possuiria apenas I, II, III e V. Rand também não conhecia o códice Vaticanus Urbinas 532, do século IX, que possui apenas o tratado V, e que é um excelente exemplar da família F. No que toca à família C, Moreschini encontra outros textos, todos do século IX, tão bons como aquele considerado o melhor por Rand (Parisinus 12949), como é o caso, por exemplo, do Harleianus (London 3095), de sigla H, o Laurentianus Sancti Marci 167, de sigla X, e o Bernensis 510, de sigla Y. Outras várias razões para a correção necessária de Rand são elencadas, por Moreschini, no decorrer de seu prefácio. Para falar, porém, de uma afinidade com a edição de Rand, Moreschini admite não poder acrescentar nada à família D, além do que Rand já obtivera.

Imediatamente após o prefácio (cf. pp. XX-XXI), Moreschini elenca os nomes dos códices que compõem as famílias dos *opuscula*. Apresentamo-los, a seguir, com seus respectivos séculos: F (Aurelianensis, IX; Parisinus 7730, IX; Vaticanus, IX); T (Augiensis, IX; Laurentianus, IX; Monacensis Clm 18765, IX; Neapolitanus, IX); D (Monacensis Clm 14370, X); C (Harleianus, IX; Parisinus 12949, IX; Laurentianus, X; Bernensis, IX-X; Bambergensis, X-XI).

No que diz respeito à sua edição da *Consolatio*, além de cotejá-la, em seu prefácio, com a edição de Rand, e evocar, também, os estudos de F. Troncarelli (cf. F. TRONCARELLI, *Boethiana Aetas. Modelli grafici e fortuna manoscritta della "Consolatio Philosophiae" tra IX e XII secolo*, 1987), Moreschini passa a cotejá-la, ainda, com a edição de Ludovicus Bieler, editor do texto da *Consolatio* do *Corpus Christianorum* (volume XCIV), a fim de marcar, novamente, semelhanças e distinções.

A principal semelhança com o trabalho de L. Bieler, tendo-se em vista os muitos códices e comentários a considerar, consiste na dificuldade de dividir os exemplares da *Consolatio* em famílias e na constatação da impossibilidade de se pretender apresentar uma edição absolutamente nova que dê conta de todos os manuscritos conhecidos (cf. pp. X-XII). Também com L. Bieler, Moreschini pergunta-se pela existência de possíveis arquétipos para as famílias de manuscritos da *Consolatio*, mas à tese daquele, segundo a qual os textos procederiam de dois arquétipos, um datado do século VI e outro, do VIII, Moreschini prefere a tese de Troncarelli, segundo a qual deve-se falar de duas ou três matrizes que parecem proceder do século IX. Porém, na opinião de Moreschini, que, entretanto, não concorda plenamente com a conjectura de Troncarelli para dizer que a *Consolatio* fora editada já por Cassiodoro, os livros do século IX podem proceder de um exemplar do século VII ou VIII. Assim, em vez de dizer que os textos da *Consolatio* procedem de um duplo arquétipo, pode-se falar, conforme Moreschini, em um único, porém dúplice, arquétipo, que estaria na raiz das duas grandes famílias de textos: família α : Parisinus 7181, séc. IX; Aurelianensis 270, IX; Turonensis, IX; Bernensis 179, IX; família β – família β_1 : Laurentianus, IX; Monacensis Clm 18765, IX; Sangallensis, IX; Neapolitanus, IX; Ambrosianus, IX; Emmeranus, X; Monacensis Clm 15825, X; Vindobonensis, X; Bambergensis, X-XI; família

— : Vaticanus 3363, IX; Vaticanus 3865, IX; Harleianus, IX; Laudunensis, IX; Antuerpiensis, X²; Alenconiensis, X. Haveria, ainda, alguns outros textos, poucas ou raras vezes citados: Parisinus 15090, X; Parisinus 6402, XI; Parisinus 7183, X-XI; codex Rehdigeranus, XI; codex Hibernicus, XII.

O esclarecimento desse elenco parece importante, porque Bieler considera, no estabelecimento de sua edição, textos que não são senão raramente citados por Moreschini e, porque a edição do *Corpus Christianorum* é de mais fácil acesso ao comum dos leitores, convém saber dessa diferença. De modo geral, porém, o texto da edição Moreschini não apresenta diferenças consideráveis com a edição Bieler. Nas páginas de sua edição, Moreschini omite as sugestões bibliográficas e referências clássicas que Bieler interpõe ao aparato crítico, salvo os poucos casos que interessam ao estabelecimento do texto ou a questões filológicas. Na contrapartida, Moreschini mostra-se mais cauteloso, nas situações em que a redação parece dúbia, assinalando com chaves (<>) as suas escolhas e remetendo, em rodapé, às escolhas de Bieler, Rand e outros, mas nunca deixando de assinalar que se trata de um estabelecimento aproximado do texto. No que se refere aos *Opuscula sacra*, também não se observam diferenças gritantes com a edição de Rand, mas é evidente a imensa vantagem que o texto de Moreschini leva sobre ele, não apenas por apresentar o aparato crítico, mas, principalmente, porque considera uma série de códices que Rand ignorara.

Seria, porém, de desejar que a edição Moreschini apresentasse um índice geral e pusesse, no alto das páginas, o nome do respectivo tratado em questão, a fim de facilitar o trabalho do leitor, pois, no modo como ela se encontra, a edição atual exige que o leitor procure, página por página, o texto ou a parte que lhe interessa. Além disso, Moreschini prefere, seguindo a tradição italiana, grafar “v” em vez de “u”, no caso das minúsculas. Ora, se se tem tornado costume, em edições de textos clássicos, e pelo bem da uniformidade, não seria mais conveniente grafar “u” em vez de “v”? A esse detalhe redacional de somenos importância, acrescenta-se uma questão teórica, relativa à mudança do nome *Opuscula sacra* para *Opuscula theologica*: o rico campo semântico delineado pelo adjetivo *sacra*, no neutro plural, empregado sabiamente pelos medievais, não parece empobrecido e mesmo transformado pelo emprego do termo *theologica*? Os medievais também diziam *dogmatica*, mas qualquer ouvido moderno, imediatamente, recebe mal o termo “dogmático” e, se isso ainda não ocorre com “teológico”, não se pode dizer que o sentido moderno de “teologia” seja o mesmo pretendido por um autor antigo. Caso se entendesse, hoje, como teologia, o esforço unitário por inteligir o real a partir da realidade primeira e transcendente captada pela experiência de fé, ou, se se quiser, um filosofar a partir da realidade primeira que é, também, o fundamento da fé, então, poder-se-iam dizer “teológicos” os escritos de Boécio. Seria, porém, conveniente empregar esse termo, se ele evoca, para a modernidade, um tipo de saber autônomo, independente da pesquisa filosófica, aderente, muitas vezes, a tendências

fideístas e, por isso mesmo, sem a unidade fundamental da reflexão apresentada pelo nosso autor? O neutro plural *sacra* permitia classificar mais apropriadamente os escritos de Boécio como textos referentes às coisas da fé (a fé entendida tanto como substância quanto como expressão), diferentemente de seus textos sobre lógica, matemática ou metafísica. Há, pois, um problema hermenêutico grave a ser resolvido pela escolha de *theologica* em vez de *sacra*. Além disso, como dizer “teológico” um texto como o *De hebdomadibus*? Isso será possível somente se se empregar “teologia” no sentido clássico, como “teo-logia”, mas não parece ser este o sentido que o leitor moderno e contemporâneo têm em mente.

Esses últimos apontamentos não pretendem, de maneira alguma, diminuir a grandeza do trabalho realizado por Moreschini. Ao contrário, se um desejo esteve presente em todo o percurso destas páginas, tal não foi senão o de exaltar o trabalho generoso e extremamente útil de Moreschini, que, certamente, há-de se impor como uma excelente edição da *Consolatio* e dos *Opuscula* de Boécio.

Juvenal Savian Filho
(Universidade de S. Paulo)